

Memórias partilhadas

Bruna Antonelli

Como pensar a duração de vida de um gesto dançado? Sob que formas ele vem persistir em nosso presente? É a partir destas questões que Isabelle Launay, pesquisadora em dança, irá desenvolver seu recente artigo (Launay 2009). Se a memória é a relação entre lembrança e esquecimento, construída por um complexo processo de re-invenção do passado no presente, não seria a história da dança também assim? O que decidimos lembrar e preservar ou esquecer e apagar desta história? Para Launay não existe "transmissão em dança", mas sim complexos processos de traduções, transformações e alterações. Existem diversos modos de se trabalhar a memória de um gesto, incluindo a "citação", onde os elementos básicos são: aprender e copiar uma dança gravada em vídeo e inserir esta cópia num novo trabalho cênico; como fez Jérôme Bel em *Le dernier spectacle* (1998), onde cita o solo *Wandlung* (1978) de Susanne Linke.

A história da dança do século XX é acessível essencialmente por intermédio da imagem do vídeo e não é mais possível hoje ignorar a presença dos registros audiovisuais como fonte documental de grande importância e interesse para o aprendizado da história das artes cênicas, assim como para a circulação de obras contemporâneas. Testemunhamos nos últimos anos um crescente interesse no meio das artes performativas em trabalhar a partir de sua própria história. Acompanhamos o modo como os próprios artistas vêm revisitando seus trabalhos inaugurais como Wim Vandekeybus com *What the Body Does Not Remember* (1987) e Jan Fabre com *The Power of Theatrical Madness* (1984); assim como artistas interessados em trabalhar com peças de outros artistas já apresentadas antes, como Fabian Barba em *A Mary Wigman Dance Evening* (2009), Olga de Soto com *Débords – Réflexions sur La table verte* (2012) e, aqui em Portugal, Alexandre Pieroni Calado com *Pregação* (2012) a partir dos materiais de arquivo do espetáculo *A pregação* (1989) do teatro O Bando. Foi ao olhar para o modo como a classe artística, e consequentemente o público, se relacionava com seu patrimônio, que em 2006 surgiu o projeto que abordarei neste artigo, e no qual estive envolvida como gestora e curadora.

Idealizado pela pesquisadora Nirvana Marinho, o Acervo Mariposa é um programa cultural sediado em São Paulo (BR) que gerencia o acesso gratuito à sua videoteca especializada em dança. Dispondo de cerca de setecentas obras em DVD – registro de espetáculo, ensaios, documentários, entrevistas, videodança – tem por objetivo disponibilizar o conhecimento em dança através de ações culturais para pesquisadores, artistas e público, visando

à construção de um patrimônio coletivo e estabelecendo a difusão e democratização da dança. O sítio do projeto, www.acervomariposa.com.br, permite-nos conhecer mais desta iniciativa pioneira na área de dança no Brasil ao tomar para si o desafio de pensar novas formas e possibilidades de se trabalhar com patrimônio. O que um acervo em dança pode promover a respeito de informações? A existência física é suficiente para manter vivo um material? É possível transformar informações armazenadas em conhecimento presente? Com estas questões o Acervo Mariposa se propôs, para além de reunir e armazenar vídeos de dança, pensar ações que dinamizassem o uso da videoteca. Na seção "Ações" podemos encontrar mais detalhadamente como estas diversas iniciativas de dinamização aconteceram no desenrolar de sua própria história. Em 2008/2009 inicia a formação de sua videoteca e realiza duas principais ações: Mariposa nos Festivais, que consistia em parcerias com festivais em todo o Brasil onde se realizavam Mostras de Vídeo ao mesmo tempo que alimentava sua videoteca recebendo vídeos dos artistas participantes; e Vídeo Homo Sapiens, ações em torno dos vídeos (mostras, oficinas, grupos de estudo) com curadoria da própria equipe em instituições parceiras. Em 2010 realiza o projeto Doação Acompanhada que tem como característica acompanhar e auxiliar a chegada dos vídeos a escolas de dança, estruturando coletivamente o uso, em sua concepção pedagógica e cultural. Em 2011 idealiza o projeto Rede Dança em Vídeo, propondo a criação de uma rede de vídeos de dança em São Paulo, conectando companhias, grupos e artistas independentes. Em 2012 procura expandir este conceito para a construção de uma rede de acervos latino-americanos com o Rede Octopus (ainda em captação de recursos). Em 2013 estabelece uma Doação Compartilhada em parceria com a Coleção B (Évora, Portugal). Iluminar o conhecimento em dança é torná-lo acessível, e como fazê-lo é um desafio que move um projeto como este. Na seção "Sobre" encontra-se o pensamento que estrutura o Acervo ao propor a construção de um patrimônio coletivo. Segundo sua diretora:

Patrimônio, há muito, não é mais pedra e cal, nem monumento, mas *performance* viva da história. O Acervo Mariposa tem um fundamento de que, embora redundante, o patrimônio coletivo reitera a função do acervo na sociedade, tornando um bem público, fazendo do vestígio da dança, um traço presente que nos faz dançar mais. Coletivo, pois colaborativo, em uma ação política de democratizar os bens culturais nascidos da prática da dança.
(in www.acervomariposa.com.br/sobre/)

Bruna Antonelli é gestora cultural, curadora e investigadora. Idealizou e foi co-curadora do *Trepadeira: modos de criação compartilhados*, projeto de programação de dança para a Sala Crisantempo (2012, SP). Foi gestora cultural do Acervo Mariposa (SP) e colaboradora do sítio *Cultura e Mercado*, onde publicou artigos sobre dança, políticas públicas, direitos autorais e memória. Licenciada em Dança, é mestrandista em Artes Cênicas pela Universidade Nova de Lisboa, onde pesquisa sobre coreografia contemporânea e a sua relação com a história.

>
Camila,
disponível no Acervo
Mariposa.



camilatorraro.com.br/mariposa

<>
Escola de meninas,
videodança de
Rita Tatiana Cavassana
e Danilo Dilettoso, 2010,
disponível no Acervo
Mariposa.



Portanto, viabilizar ações e um patrimônio coletivo e acessível, construído em comum acordo com os artistas que doam seus vídeos, só seria possível se fosse repensado também o modo de lidar com os direitos de uso destes. É aqui que entra o *Creative Commons*¹ (CC): um projeto internacional que disponibiliza licenças jurídicas gratuitas e flexíveis para obras intelectuais permitindo o compartilhamento do conhecimento. Com as licenças CC o próprio autor decide como sua obra pode ser utilizada por terceiros e escolhe o que melhor se adapta ao seu trabalho sendo que, em todas elas, a propriedade intelectual (autoria) é sempre preservada. Ao invés de "todos os direitos reservados" "alguns direitos reservados" é este o lema do CC. O Acervo Mariposa trabalha com sua licença mais restritiva: Atribuição – Uso não comercial – Não a obras derivadas. Isto significa que o Acervo está autorizado a copiar, distribuir e exibir a obra nestas condições, através do Termo de Autorização em CC assinado pelo artista. Esta iniciativa permite que o Acervo Mariposa já se encontre replicado (com diferentes coleções) em Recife, Bahia, Nova Iorque, Évora, entre outros lugares. Tal opção pela adoção do CC e a possibilidade de lidar diretamente com os artistas encaminhou o Acervo Mariposa a um lugar também não comum: "guardar o presente", afinal, e pensar o patrimônio implica olhar para o herdado e para aquele que ainda está em constituição. Assim, quando foi estabelecida uma parceria com a NYPL (*New York Public Library*), esta instituição recebeu vídeos do que havia de mais atual no cenário da dança contemporânea brasileira e quem for consultar terá acesso direto ao que se está produzindo hoje no Brasil. Afinal, será o patrimônio aquilo que temos, ou aquilo que construímos? Na seção "Home", na segunda página, encontra-se o Catálogo do Acervo Mariposa. Aqui o usuário pode conhecer a Política de Indexação do Acervo e ter acesso à relação dos vídeos. No momento, o Acervo ainda não possui um banco de dados *on-line* disponível (em processo), nem vídeos *on-line* (em desejo futuro). Sua

consulta é presencial e aberta a qualquer interessado consoante hora marcada ou via uma das ações de dinamização do acervo. Por fim, na seção "Doe seu vídeo" qualquer artista interessado em fazê-lo encontra as instruções e o Termo de Autorização para descarregar, que acompanha todos os vídeos.

Em rede de conexões um projeto como este se faz, na tentativa de construção de um patrimônio vivo e dinâmico, onde seus participantes (artistas e públicos) podem se reconhecer ao tomarem parte da partilha do que já é comum. Com vontade de criar "comunidades virtuais" (Burt 2009: 466) através de memórias partilhadas, o desejo é que outros projetos com o mesmo movimento tornem-se parceiros, afinal a história não se constrói com um corpo só e é resultado das histórias que produzimos sobre ela.

Referências bibliográficas

- BURT, Ramsay (2009), "History, Memory, and the Virtual in Current European Dance Practice", in *Dance Chronicle* 32/3, pp. 442-467.
- LAUNAY, Isabelle (2009), "Une fabrique de la mémoire en danse contemporaine ou l'art de citer." Conférence donné au SESC, Biennale de danse contemporaine de Santos (Brésil), in www.danse.univparis8.fr/chercheur_bib_ine_ens.php?type=ine&cc_id=4&ech_id=6; (data de acesso 16 de Maio de 2011).

Sitiografia

<http://acervomariposa.com.br/site/>

¹ Nos EUA:
www.creativecommons.org;
no Brasil:
www.creativecommons.org.br;
em Portugal:
www.creativecommons.pt.